



## **Ap 1,9-20: a visão do Cristo exaltado e a comissão profética de João**

*Revelation 1,9-20: John's vision and prophetic commission*

**José Adriano Filho**

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), professor no Mestrado em Ciências da Religião da Faculdade Unida de Vitória, Vitória, ES - Brasil, e-mail: j.adriano1@uol.com.br

### **Resumo**

Ap 1,9-20 é uma narrativa da comissão profética de João, que descreve a experiência visionária que determinou a própria composição do livro, isto é, a epifania do Cristo exaltado que o comissiona para escrever a revelação que lhe foi dada e enviá-la às sete igrejas. A apresentação do Cristo exaltado é feita a partir de imagens derivadas das epifanias da tradição bíblica. João utiliza e adapta criativamente essa tradição para expressar os novos elementos da mensagem cristã. A forma narrativa utilizada deriva das narrativas de vocação dos profetas, mas, no contexto apocalíptico, descreve o personagem glorioso que aparece na visão. Além disso, o uso da primeira pessoa do singular na narrativa destaca o papel indispensável do narrador como ligação entre a esfera terrena e a divina, de forma que o que temos no Apocalipse é mediado divinamente e visibilizado pela mediação de João.

**Palavras-chave:** Narrativa de vocação profética. Epifania. Comissão profética.

**Abstract**

*Revelation 1,9-20 is a narrative of John's prophetic commission. John presents his visionary experience, which has determined the composition of the entire book, that is, the epiphany of the Risen Christ who commissioned him to write down the Revelation he was given, and sent it to the Seven Churches. The Risen Christ is presented with the imagery of the epiphanies of the Old Testament. John utilizes and transforms creatively this imagery in order to point out new elements of the Christian message. The narrative form he used is the prophetic call narrative, but in the apocalyptic setting it describes the glorious being of the vision. Furthermore, the first person singular in the narrative is to convey to hearers the storyteller role as an indispensable link between the divine realm and the human one. In this way, the message presented in the Book of Revelation is divinely mediated and made visible to us by John's mediation.*

**Keywords:** *Call narrative. Epiphany. Prophetic commission.*

---

**Introdução**

Ap 1,9-20 é uma narrativa de visão na qual o profeta João relata a experiência que determina a própria composição do Apocalipse, isto é, a epifania do Cristo exaltado, que o comissiona para escrever a revelação que lhe foi dada e enviá-la às sete igrejas da Ásia:

Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realeza e perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos, por causa da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus. No dia do Senhor fui movido pelo Espírito, e ouvi atrás de mim uma voz forte, como de trombeta, ordenando: "Escreve o que vês, num livro e envia-o às sete Igrejas: a Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia" (Ap 1,9-11).

A visão constitui o contexto das proclamações às sete igrejas (Ap 2,1-3,22) da parte do Senhor ressuscitado e da experiência visionária do restante do livro (Ap 4,1-22,9). A ordem para escrever é declarada e,

de fato, estrutura o relato, indicando que o Apocalipse foi escrito porque João foi divinamente incumbido para relatar as visões que recebeu do Cristo exaltado (ADRIANO FILHO, 2002).

A apresentação do Cristo exaltado da visão é feita a partir de imagens e expressões derivadas da tradição de epifanias do Antigo Testamento e da literatura apocalíptica: a descrição de Deus (Dn 7,9), dos anjos exaltados (Dn 10,1-21) e do “Filho de Homem” (Dn 7,13-14). João, de forma criativa, adapta essas imagens tradicionais, cria um novo retrato de Cristo e transmite uma nova mensagem às igrejas da Ásia. Cristo é superior aos anjos e participa do ser eterno de Deus, mas, ao mesmo tempo, está presente na Igreja. A primeira imagem de Cristo, isto é, “alguém semelhante a filho de Homem”, não é a imagem predominante de Jesus no Apocalipse, mas caracteriza sua primeira parte ao descrevê-lo como aquele que se dirige às sete igrejas e sustenta firmemente as estrelas na sua mão direita (Ap 1,1-3,22).

O desenvolvimento da narrativa desvela gradualmente a identidade do Senhor exaltado. João e seus destinatários, aos poucos, reconhecem a identidade daquele que é “semelhante a um filho de Homem”, devido às alusões à sua morte e ressurreição. Essas alusões constituem o clímax da narrativa e a chave da sua interpretação. O ouvinte sabe qual é o objeto da visão, entende o significado desse evento e reconhece o personagem apresentado por meio das palavras do Senhor exaltado, que anuncia sua vitória sobre a morte. Esse tipo de narrativa é parte da estratégia retórica do autor, na qual ele faz com que seus ouvintes participem do mesmo encontro que ele teve com o Senhor exaltado, num esforço de prepará-los para receber, compreender e aceitar a mensagem do livro.

## **O encontro visionário de João com o Cristo exaltado**

A narrativa da experiência que levou o profeta João a escrever o Apocalipse constitui o contexto de todo o livro, descreve o lugar, o tempo e as circunstâncias da experiência visionária, que se inicia em Ap 1,9 e se estende até Ap 22,9. Há duas ordens para escrever: “o que vês escreve”

(Ap 1,11a) e “escreve, pois, as coisas que viste” (Ap 1,19). O que foi visto deve ser escrito e enviado às sete igrejas (Ap 1,11a) e a comissão é reiterada e elaborada no final da primeira visão. O Cristo ressurreto dirige-se diretamente às sete igrejas (Ap 1,17b; 3,22). Os atributos de Cristo da visão inaugural indicam um propósito teológico e estão também presentes na introdução de cada uma das sete cartas (Ap 2-3). Esse contexto literário, a estrutura e o conteúdo da narrativa indicam que essa visão inaugural deve ser entendida como parte integral da mensagem que João quis comunicar às igrejas nas sete cartas e, de forma mais ampla, da mensagem de todo o livro.

A epifania de um personagem celestial ocupa o centro da narrativa. Esse personagem, o Cristo exaltado, é o “Filho do Homem”, o “guerreiro divino” e o “cordeiro” (SLATER, 1999). Ele é a fonte da mensagem de João e aquele que, “semelhante a um Filho do Homem”, comissiona o agente da revelação. Ao descrever seu encontro com o Cristo exaltado, João adota o modelo narrativo que descreve a epifania de um ser celestial a um personagem humano, composto por quatro partes básicas: indicação e circunstâncias vividas pelo autor, descrição do ser celestial, reação e fraqueza do visionário e o ser glorioso que o conforta e lhe entrega uma mensagem. Esse modelo narrativo, aliás, é também encontrado em Dn 10, texto que fornece a estrutura básica da narrativa do Apocalipse e de outros elementos utilizados nessa epifania, bem como no Apocalipse de Sofonias 6,11-15 (século II d.C.), que descreve a visão do “grande anjo” Eremiel.

O Quadro 1 elenca os paralelos entre as narrativas das epifanias de Dn 10,5-9, Ap 1,9-20 e Apocalipse de Sofonias 6,11-15, segundo Aune (1997).

**Quadro 1** - Paralelos entre as narrativas das epifanias (Continua)

Dn 10,5-9	Ap 1,9-20	Apocalipse de Sofonias 6,11-15
<b>5b: um homem</b>	13b: “alguém semelhante a um Filho do Homem”	11b: um grande anjo
<b>5c: revestido de linho</b>	13c: vestido com uma túnica longa	
<b>5d: os rins cingidos de puro ouro</b>	13b: “alguém semelhante a um Filho do Homem”	

**Quadro 1** - Paralelos entre as narrativas das epifanias (Conclusão)

<b>6a: o corpo como berilo</b>		
<b>6b: o rosto como relâmpago</b>		11b: a face brilha como os raios do sol
	14a: os cabelos como lã branca	
<b>6c: olhos como lâmpada de fogo</b>	14b: os olhos como chama de fogo	
<b>6d: braços e pernas como o fulgor do bronze polido</b>	15a: os pés como bronze polido	12b: os pés como o bronze fundido em fogo
	6e: o som de suas palavras como o clamor de uma multidão	
	16a: sete estrelas na mão direita	
	16b: uma espada afiada saiu da sua boca	
<b>(cf. v. 6b)</b>	16c: o seu rosto brilha com o sol na sua força	(cf. v. 11b)

Fonte: Dados da pesquisa

As obras apresentadas derivam de uma tradição que foi utilizada e adaptada criativamente por João para expressar os novos elementos da mensagem cristã. Essa forma literária deriva das narrativas de vocação dos profetas. Depois do profeta Ezequiel, essas narrativas se transformaram e passaram a utilizar a linguagem apocalíptica. No contexto apocalíptico, essa forma narrativa passou a descrever não a vocação profética tradicional, mas, sim, o personagem glorioso que aparece na visão. Ap 1,9-20, portanto, não descreve a vocação profética de João, mas, sim, a comissão que ele recebeu para escrever suas experiências visionárias, num relato dominado pela epifania de um personagem divino. O propósito da passagem, além de legitimar a mensagem apresentada no livro, uma mensagem controversa e que pode ser contestada por muitos, destaca que João é um profeta cristão que fala com a autoridade do próprio Cristo e que ele foi comissionado

pelo Senhor exaltado para escrever o livro e enviá-lo às sete igrejas da Ásia (AUNE, 1997).

## O contexto da visão

A primeira narrativa visionária de João inicia-se com sua própria apresentação: “Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realeza e perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos, por causa da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus” (Ap 1,9). A declaração inicial desse verso, “Eu, João, vosso irmão e companheiro”, indica que o narrador procura identificar-se com seus ouvintes. “Irmão e companheiro” é uma linguagem de igualdade social, um recurso retórico que procura incentivar a cumplicidade. João fala diretamente a seus ouvintes e descreve a si mesmo numa relação de igualdade. O termo ‘irmão’ (Ap 1,9; 6,11; 12,10; 19,10; 22,9), uma designação comum entre os cristãos, indica a relação próxima entre João e a comunidade cristã; “companheiro”, por sua vez, indica envolvimento e participação. No contexto narrativo do Apocalipse, a expressão ‘irmão e companheiro’ qualifica o nome de João e indica sua solidariedade com as comunidades cristãs às quais ele se dirige.

João dirige-se aos seus “irmãos e companheiros na tribulação, realeza e perseverança em Jesus” (Ap 1,9). A palavra ‘tribulação’ descreve as dificuldades e sofrimentos enfrentados diariamente pelos cristãos, considerados por João elementos fundamentais do viver cristão (THOMPSON, 1986). Em outras partes do Apocalipse, esse termo refere-se à realidade presente ou que pode ocorrer no futuro próximo. Seu significado inclui também os períodos de sofrimento e de julgamento escatológico que precederão o fim. João compartilha com seus ouvintes a perseguição que eles experimentam, mas também o conhecimento de que, apesar de sua situação marginal, eles são, de fato, parte do reinado governado por Deus e Cristo (Ap 1,5; 5,10). Compartilha, ainda, a perseverança no sofrimento, o sofrimento como o do próprio Jesus histórico.

João é solidário com seus destinatários na “tribulação”, mas compartilha também com eles o “reinado”, palavra que é utilizada em sentido escatológico, mas que se refere também à realidade presente, ao reinado

inaugurado pela morte e ressurreição de Jesus. Os cristãos, mesmo vivendo numa situação marginal, pertencem à esfera do reinado de Deus e de Cristo (Ap 1,5; 5,10). A “tribulação” caracteriza a vida cristã neste mundo, mas o “reinado” refere-se ao outro lado da existência cristã, o lado “presente”, embora oculto e manifestado a este mundo na cruz. “Reinado”, portanto, não envolve apenas um significado escatológico, isto é, a vinda de Cristo e o julgamento do mundo, mas também o “reinado” que deriva da resistência ao sofrimento.

João compartilha também com seus ouvintes a “perseverança” (Ap 1,9; 2,2.3.19; 3,10; 13,10; 14,12), a qual está fundamentada na fé em Jesus, o Senhor que vem, e é inspirada pela certeza do Seu amor. A perseverança é uma dádiva que deriva do Senhor exaltado (Ap 3,10) e da comunhão com Ele. A expressão ‘em Jesus’ descreve a existência cristã que já participa de Cristo, uma pessoa histórica que sofreu e morreu, ressuscitou, apareceu a seus discípulos e está presente na Igreja. Consequentemente, João expressa o que considera mais importante, que é preciso compartilhar pacientemente os sofrimentos de Jesus, com a mesma “perseverança”, mesmo até a morte (Ap 2,10), como aconteceu com o próprio Cristo, a fim de compartilhar do Seu reinado (MAZZEI, 2009).

Após identificar-se com seus ouvintes, João indica o lugar em que se encontrava quando recebeu a revelação e as razões pelas quais ali se encontrava: “Achei-me na ilha de Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Ap 1,9). João pode ter sido banido para aquela ilha por causa de uma decisão judicial romana, a qual poderia envolver:

a) *relegatio in insulam*: no período imperial, essa punição envolvia o banimento de uma pessoa para uma ilha específica por causa de ofensas ou porque ela ameaçava o interesse público. As ofensas assim punidas incluíam astrologia, adivinhação e profecia (judaica, cristã ou pagã), práticas que, em geral, provocavam desordem ao predizer o futuro ligado à conspiração política. O governador de uma província tinha autoridade para pronunciar este tipo de sentença;

b) *deportatio ad insulam*: este tipo de punição era mais sério e envolvia a deportação para o exílio devido a diferentes tipos de crime, sendo frequentemente imposto como medida política. O governador de uma

província não tinha autoridade para pronunciar este tipo de sentença, mas podia sugerir ao imperador que, num caso particular, ele fosse imposto. As pessoas exiladas no período de um determinado imperador frequentemente eram anistiadas depois da sua morte.

Eusébio de Cesareia refere-se à tradição que afirma que João retornou do banimento após a morte de Domiciano (*História eclesiástica* 3.23.1). Além disso, Nerva, sucessor de Domiciano, permitiu o retorno de pessoas que haviam sido exiladas naquela época (Plínio, *Epístolas* 1.5.10; 9.13.5). Há, contudo, uma relativa leniência na punição de João quando ela é comparada com a execução de Antipas (Ap 2,13) e o precedente da execução de cristãos em Roma na época de Nero, bem como o fato de que esses tipos de punição eram aplicados a pessoas de estratos sociais elevados.

Roma não tinha uma política estrita na forma de lidar com os cristãos. As sentenças podiam variar de um governador para outro, de acordo com a compreensão da lei de cada um deles, de suas responsabilidades para com os cristãos e de como a opinião pública poderia afetá-los. João pode ter continuado sua peregrinação como profeta itinerante, sendo seu ensino considerado uma ameaça para a ordem pública ou a autoridade romana. Nesse caso, a acusação oficial considerava o banimento como a forma mais simples e adequada de resolver a situação (YARBRO COLLINS, 1984).

João encontrava-se “na ilha de Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Ap 1,9). A expressão ‘palavra de Deus’ (Ap 1,2; 6,9; 17,17; 19,13) indica o que Deus expressa e revela, tudo que alcança os cristãos por meio do testemunho de Jesus (Ap 1,2; 9; 12,17; 19,10; 20,4). Já a expressão ‘o testemunho de Jesus’ refere-se tanto ao testemunho nascido com os cristãos, significando, portanto, o “testemunho sobre Jesus”, quanto ao testemunho que nasce com o próprio Jesus, isto é, o “testemunho [dado] por Jesus”.

Depois de mencionar o contexto geográfico e relembrar a situação histórica em que aconteceu a revelação divina, João descreve o contexto teológico de sua experiência visionária. A expressão ‘fui movido pelo Espírito’ (Ap 1,10) assinala o início da sua experiência



visionária. As outras ocorrências dessa expressão no Apocalipse indicam não somente mudança de lugar, mas também os momentos principais da experiência visionária apresentada em todo o livro (Ap 4,2; 17,3; 21,10).

João, então, inicia a descrição da epifania do Cristo ressurreto: “E ouvi atrás de mim uma voz forte, como de trombeta” (Ap 1,10b). O verbo ‘ouvir’ é comumente utilizado no Apocalipse para introduzir as experiências extraordinárias, nas quais João recebe uma mensagem do mundo celestial. A voz que lhe dirige é caracterizada como “forte”, pertencente à esfera celestial, e é descrita “como de trombeta”. O uso do advérbio comparativo ‘como’, tanto para João quanto para o profeta Ezequiel antes dele, indica que a linguagem humana e as imagens terrenas são insuficientes para descrever as realidades que lhe são reveladas. Assim, o símbolo da trombeta deve ser entendido em relação ao seu uso simbólico na Bíblia Hebraica.

De fato, a voz de Deus é retratada como o som de uma trombeta na teofania do Sinai (Ex 19,16; 29,18), uma imagem que é usada em contextos teofânicos (Is 18,3; Jl 2,1; Zc 9,14; Sl 47,5) e no culto israelita (2Sm 6,1; Is 27,13; Jl 2,13; Sl 81,3). Nos textos apocalípticos, esse motivo tornou-se um instrumento escatológico essencial para anunciar a intervenção de Deus no tempo final (Mt 24,31; 1Cor 15,52). João “ouviu uma voz atrás dele”, como uma expressão que não é característica do Apocalipse (BEALE, 1999). A voz que João ouviu lembra a visão de Deus do profeta Ezequiel, que declara que “o Espírito ergueu-me, enquanto eu ouvia um ruído, um ribombar tremendo atrás de mim” (Ez 3,12), e pode ser também uma alusão à história de Moisés quando lhe foi permitido ver somente as costas de Deus (Ex 33,23). Tanto a ação de ver é significativa nessa narrativa de epifania de abertura quanto a ação de “voltar-se”: “Voltei-me para ver a voz que falava”; “ao voltar-me, vi [...]” (Ap 1,12); “Ao vê-lo, caí como morto a seus pés” (Ap 1,17). João ouve a voz “atrás dele” e “volta-se para ver a voz que falava”. As ações de “ver” e “tornar-se” não são somente físicas, mas também espirituais.

A “voz que fala” declara: “Escreve o que vês, num livro e envia-o às sete Igrejas: a Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadéfia

e Laodicéia” (Ap 1,11). A ordem para escrever, que ocorre diversas vezes no Apocalipse, é significativa, pois “João se apresenta como o mediador da mensagem que lhe foi revelada” (AUNE, 1997, p. 85). Em outras palavras, João comunica uma mensagem que foi revelada e não sua própria mensagem. A origem divina da mensagem é indicada pela ordem “escreve o que vês, num livro e envia-o às sete Igrejas” (Ap 1,11), uma forma de comissão que corresponde à comissão profética: “Vai e dize a este povo” (Is 6; Jr 1,1-10; Ez 1,1-3,27; Am 7,14-17). Dessa forma, o relato da comissão de João funciona como uma legitimação divina que corresponde à descrição das comissões dos profetas no Antigo Testamento. Há, contudo, uma diferença: os profetas do Antigo Testamento falaram em nome de *Iahweh*: “Assim diz o Senhor”, mas João apresenta a revelação que Jesus Cristo lhe deu (Ap 1,1), a qual deve ser enviada às sete igrejas (MAZZEI, 2009).

As imagens tradicionais utilizadas na narrativa, como o simbolismo da trombeta e a caracterização da “voz” como “forte”, indicam que a experiência de João é descrita como uma teofania, a qual assinala um importante encontro com o divino. Entretanto, a identidade “do que fala” nunca é mencionada, nem de onde a voz vem, apenas que João a ouviu “atrás dele”. Esse detalhe é importante para o desenvolvimento da narrativa, uma vez que o vidente enfatiza sua reação diante dessa audição: “Voltei-me para ver a voz que me falava; ao voltar-me, vi sete candelabros de ouro” (Ap 1,12). João afirma que “voltou para ver” e, em seguida, “ao voltar, vi”. Ele utiliza o verbo ‘ver’ para descrever a voz que lhe falava, um mesmo tipo de movimento simbólico que é apresentado no relato da aparição do Senhor ressurreto a Maria Madalena (Jo 20,11-18). De fato, o verbo ‘ver’, utilizado em Ap 1,12 e que expressa uma experiência de fé, é repetido em Ap 1,17, quando João vê o Senhor exaltado e cai como morto a seus pés (Jo 20,8.18). Esse mesmo movimento ocorre nas duas ordens para escrever: na primeira, a ordem é “escreve o que vês”; na segunda, o vidente deve escrever “o que ele viu” (Ap 1,19). O uso do verbo ‘ver’ no presente e no passado descreve a jornada de fé do vidente. O ato de ver envolve uma longa, complexa e difícil experiência, na qual João reconhece o Cristo exaltado e compreende a mensagem que ele apresenta na forma de visões literárias.

## A visão de “alguém semelhante a um Filho do Homem”

As imagens utilizadas na apresentação do Cristo exaltado expressam a reação do vidente na sua presença e relembram símbolos tradicionais da Bíblia Hebraica: “Voltei-me para ver a voz que me falava; ao votar-me vi sete candelabros de ouro e, no meio dos candelabros, ‘alguém semelhante a um Filho do Homem’, vestido com uma longa túnica e cingido à altura do peito com um cinto de ouro” (Ap 1,12). Essas imagens provocam emoções e sentimentos, pois levam os ouvintes a experimentar, com João, o encontro com o Cristo exaltado. João vê “sete candelabros de ouro” (Ap 1,12b), uma imagem remanescente do candelabro de ouro puro que ficava no tabernáculo do deserto (Ex 25,31-40; 37,17-24) e no templo de Jerusalém. O candelabro, apresentado como a árvore da vida, simboliza a presença divina e foi colocado no templo para queimar “diante do Senhor” (Ex 27,21; Zc 4,2.10).

No meio dos candelabros havia “alguém semelhante a um Filho do Homem” (Ap 1,13), indicando sua centralidade, superioridade e domínio. Em Ap 2,1, Cristo se apresenta como “aquele que anda no meio dos sete candelabros de ouros”. Em Ap 1,20, os sete candelabros representam as sete igrejas, estando o Cristo exaltado presente e ativo na Igreja em sua totalidade. A tradição cristã primitiva já havia identificado o “alguém semelhante a um Filho do Homem” (Ez 1,5.26; Dn 7,13; 10,16.18) como uma figura transcendente de Cristo, devido ao uso que o próprio Jesus fez desse texto. Essa identificação referia-se especialmente ao mistério da Sua morte e ressurreição. O Cristo ressurreto está presente na comunidade cristã e não é esperado somente como juiz escatológico, pois a figura celestial apresentada corresponde totalmente à figura de Dn 7,13. João, contudo, introduz um novo elemento na narrativa-modelo comum, que apresenta a manifestação de um ser celestial. A estrutura básica e os elementos descritivos dessa visão inicial originam-se em Dn 10, mas o elemento central da epifania é extraído de Dn 7,13: “Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho do Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido à sua presença”.

A descrição daquele que é “semelhante a um Filho do Homem” é similar aos relatos de epifania do Antigo Testamento, bem como aos da literatura apocalíptica (Dn 7,9-10; 10,5-6; 2En 1,4-5). O próprio Apocalipse

de João apresenta modelos de descrição similares, com a descrição da aparição física de um personagem, revelando sua identidade ou função (Ap 10,1-3; 19,11-16). A descrição da figura celestial, apresentada a partir do movimento do olhar de João, mostra primeiramente a figura como um todo: “No meio dos candelabros, ‘alguém semelhante a um filho de Homem’” (Ap 19,13), seguido pelos cabelos, olhos e pés: “Os cabelos de sua cabeça eram brancos como lã branca, como neve; e seus olhos pareciam uma chama de fogo”; “Os pés tinham o aspecto do bronze quando está incandescente no fogo” (Ap 19,14-15a), culminando com o olhar em sua face: “Sua voz era como o estrondo de águas torrenciais. Na mão direita ele tinha sete estrelas, e de sua boca saía uma espada afiada, com dois gumes. Sua face era como o sol, quando brilha com todo seu resplendor” (Ap 19,15b-16). João relata a aparição dessa figura celestial como se ela estivesse acontecendo naquele momento preciso, permitindo a seus ouvintes compartilhar o mesmo sentido de espanto e admiração que ele experimentou, na medida em que esse ser celestial manifesta gradativamente sua verdadeira identidade.

A descrição dos “cabelos de sua cabeça brancos como lã branca, como neve” é uma alusão a Dn 7,9, que apresenta Deus como o Ancião de Dias. De acordo com o pensamento do Antigo Oriente, essa metáfora expressa respeito, honra, sabedoria e alto *status* social (AUNE, 1997). Ela é também encontrada na teofania de 1En 46,1; 71,10. Em outros textos apocalípticos, essa característica é aplicada aos anjos e aos seres humanos exaltados (Apocalipse de Abraão 11,2; 1En 106,2.5.10). João, portanto, adapta a descrição de Dn 7,9 na comparação do cabelo e cabeça do “alguém semelhante a um Filho do Homem” com a lã branca, como neve. Ele procura explicar sua experiência visionária ao descrever a brancura da cabeça e do cabelo desse ser celestial de tal forma que relembra a brancura presente no retrato do Ancião de Dias. Além disso, transforma as imagens de Dn 7,9 ao descrever a cabeça e o cabelo do “alguém semelhante a um Filho de Homem” (Ex 4,6; Sl 51,7; Is 1,18). Ao utilizar essa prática simbólica, localiza esse alguém no mesmo nível de Deus, expressando uma equivalência de tal natureza que permite que as características dessas duas figuras sejam compartilhadas (MAZZEI, 2009).

Jesus, o Messias, é o agente escatológico do Deus Todo-Poderoso. Dessa forma, na continuação da narrativa, tem-se a seguinte afirmação:

“Na mão direita ele tinha sete estrelas, e de sua boca saía uma espada afiada, com dois gumes. Sua face era como o sol, quando brilha com todo seu resplendor” (Ap 1,16). As “sete estrelas” representam os patronos angélicos no céu que protegem as igrejas. A imagem da “espada afiada, com dois gumes” indica a autoridade de Cristo que julgará o mundo (Ap 2,12.16;19,15); Is 49,2, provavelmente, é a fonte utilizada por João: “De minha boca fez uma espada cortante”. O brilho da face de Cristo relembra Jz 5,31: “Aqueles que te amam sejam como o sol quando se levanta na sua força!”, que celebra a vitória israelita contra Jabin, o rei cananeu. Nesse momento do desenvolvimento da narrativa, o vidente cai aos pés daquele que é “semelhante a um Filho do Homem”, como morto, emocionalmente abalado pelo que viu. Sua reação constitui uma resposta apropriada à visão que teve (Ez 1,28; Dn 8,17-18; 10,8-10; Apocalipse de Abraão 10,1-3).

### **A reação de João e a consolação do Senhor**

A resposta de João à visão daquele que é “semelhante a um Filho do Homem”, a qual descreve esse ser de forma angelomórfica, pertencente ao mundo divino, é cair aos seus pés, como morto, mas o Messias o tranquiliza (Dn 8,19) e se apresenta de uma maneira que relembra a identificação do Deus Todo-Poderoso: “Eu o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, o Todo-poderoso” (Ap 1,8). O Messias continua a apresentar-se e, finalmente, deixa clara a sua identidade. De fato, o autor do Apocalipse o apresenta de maneira tal que possa ocorrer um desvelar gradual da sua identidade. As palavras que o Messias pronuncia diante de João revelam sua identidade, mostrando o Jesus histórico, que nasceu, morreu e ressuscitou para a vida eterna: “Não temas! Eu sou o Primeiro e o Último, o Vivente; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do Hades” (Ap 1,17b-18). Em Ap 1,17; 2,8 e 22,13, as palavras “o Primeiro e o Último”, que se referem a Cristo, derivam de Isaías, que as utiliza para referir-se a *Iahweh* (Ap 1,8; 21,6) (BAUCKHAM, 1993; YARBRO COLLINS, 1984). Cristo, o Messias, portanto, recebe honras divinas e tem o controle da morte e do Hades (Ap 1,18).

O Messias é identificado por meio de vários símbolos e imagens. O vidente é confortado e não precisa temer nada. A autoridade do Messias atravessa os tempos: “Eu sou o Primeiro e o Último”; essa expressão é sinônima de “Alfa e Ômega” (Ap 1,8) e também outro exemplo de como o Apocalipse diz aos ouvintes que Cristo tem a mesma honra do Deus Todo-Poderoso. A visão está também relacionada com uma pessoa e um evento específicos na história humana, a crucificação e morte de Jesus, mas ela confirma a superação desse evento histórico: “Eis que estou vivo pelos séculos dos séculos” (Ap 1, 18). Essas declarações procuram convencer os ouvintes de que eles podem superar a história se permanecerem fiéis a Deus (Ap 2,7). “Alguém semelhante a um Filho do Homem” julgará também os que morrerão e sofrerão eternamente no Hades: “tenho as chaves da Morte e do Hades”. “Chaves”, que representa poder e autoridade, indica a vitória escatológica de Cristo em sua batalha contra a morte e o Hades (BASS, 2011). João, portanto, identifica o Jesus histórico com o Cristo cósmico, cujo reinado ultrapassa todas as coisas deste mundo e do mundo inferior. Cristo, o Messias, reina sobre todas as coisas: no Hades, na terra e no céu.

Aquele que é “semelhante a um Filho do Homem” é o Senhor exaltado da Igreja. De fato, a ordem para escrever, reafirmada em Ap 1,19, “Escreve, pois, o que viste: tanto as coisas presentes como as coisas que deverão acontecer depois destas”, é uma alusão a todas as visões contidas no livro do Apocalipse, cujo conteúdo refere-se tanto ao presente quanto ao passado. João adaptou uma fórmula comum utilizada para descrever a profecia a fim de mostrar o caráter de revelação do Apocalipse. Além disso, essa declaração indica aos ouvintes que o autor da visão, o Cristo exaltado, controla os eventos do passado, do presente e do futuro e que eles devem aceitar essa mensagem profética, pois o Cristo é o autor da revelação.

A epifania finaliza com a explicação dada pelo Senhor exaltado: “Quanto ao mistério das sete estrelas que vistes na minha mão direita e os sete candelabros de ouro: as sete estrelas são os Anjos das sete Igrejas, e os sete candelabros, as sete Igrejas” (Ap 1,20). O termo ‘mistério’ (Ap 1,20; 10,7; 17,5.7) indica os significados reais mais ocultos ou interiores que os seres humanos não conseguem apreender sem o

auxílio da revelação divina. Os sete candelabros foram mencionados anteriormente, estando “alguém semelhante a um Filho do Homem” em seu meio (Ap 1,12-13). Nesse momento, o Cristo exaltado explica que os sete candelabros são as sete igrejas, que Ele está presente nelas e os ouvintes, assim, se preparam para ouvir atenciosamente a mensagem que Jesus lhes dirige. O Senhor explica também que as sete estrelas são os sete anjos das sete igrejas, os quais têm uma participação significativa no Apocalipse. Nessa passagem, o Senhor exaltado dirige-se às igrejas por meio de seus representantes para lembrá-las de que uma dimensão da sua existência é celestial, de que seu verdadeiro lar não é com os malfeitores (Ap 3,10; 13,5-8) e de que elas têm auxílio e proteção celestial.

Ap 1,9-20 é, portanto, uma narrativa da comissão divina de João, que lhe foi dada pelo próprio Cristo exaltado. Sua comissão não só introduz as proclamações às sete igrejas ditadas a ele pelo Cristo exaltado (Ap 2,1-3,22), mas também a revelação da parte principal do Apocalipse (Ap 4,1-22,9). A visão em si é uma descrição da epifania do Cristo celestial. João deve escrever aquilo que “vê” e “ouve” num livro e enviá-lo às sete igrejas da Ásia (Ap 1.11.19), o que é um equivalente funcional da fórmula do mensageiro profético do Antigo Testamento: “vá e diga a este povo”. Além disso, a apresentação de Cristo exaltado é feita a partir de imagens e expressões derivadas da tradição de epifanias do Antigo Testamento e da literatura apocalíptica. Nesse sentido, o propósito da comissão visionária é legitimar divinamente a mensagem que João deveria transmitir às comunidades cristãs. Ele utiliza com liberdade a tradição bíblica, reaplica-a em um novo contexto e lhe dá um novo significado. Ele domina palavras, frases e imagens e as emprega como forma de comunicar uma nova mensagem profética.

Ao dirigir-se às comunidades cristãs, João apresenta-se como “irmão” e “companheiro”. Dessa forma, aproxima-se dos seus ouvintes, enfatiza a igualdade social existente entre eles, procura incentivar a aceitação da sua autoridade e encorajar a cumplicidade com a mensagem apresentada. O uso da primeira pessoa do singular da narrativa apresentada demonstra aos ouvintes o papel indispensável do vidente/narrador como ligação imprescindível entre a esfera terrena e a

divina, de forma que o que temos no Apocalipse é mediado divinamente e tornado visível ou legível pela mediação de João. É impossível compreender o Apocalipse sem a mediação do narrador. O “eu” espontâneo de João, presente em todo o livro, é legitimado como testemunha e identificado em particular com uma pessoa. O narrador não é qualquer pessoa. A vida de João está inserida na comunidade cristã, que compartilha com ele o privilégio real e a condição similar de servo. Ele compartilha um mesmo destino com os seus ouvintes, apresenta-se como um profeta, uma manifestação divina e a voz do Cristo exaltado. Ele procura comunicar as imagens de testemunho dos mistérios divinos que narra, bem como de irmão e companheiro dos seus destinatários (BOVON, 2000).

## Referências

- ADRIANO FILHO, J. The Apocalypse of John as an account of a visionary experience: notes on the book's structure. **Journal for the Study of the New Testament**, v. 25, n. 2, p. 213-234, 2002.
- AUNE, D. E. **Revelation 1-5**. Dallas: Word Books, 1997. (Word Biblical Commentary).
- BASS, J. W. **The battle for the keys: Revelation 1:18 and Christ's descensus ad Inferos**. 2011. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculty of the Department of New Testament Studies, Dallas Theological Seminary, Dallas, 2011.
- BAUCKHAM, R. **The climax of prophecy**. Studies in the Book of Revelation. Edinburgh: T & T Clark, 1993.
- BEALE, G. K. The Book of Revelation. Grand Rapids: W. B. E., 1999.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.
- BOVON, F. John's Self-presentation in Revelation 1:9-10. **Catholic Biblical Quarterly**, n. 62, p. 693-700, 2000.



---

MAZZEI, N. **Revelation 1:9-20**: the vision of the Risen Christ. 2009. Dissertação (Mestrado) – University of St. Michael's College, Toronto School of Theology, Toronto, 2009.

SLATER, T. B. **Christ and community**. A socio-historical study of the christology of Revelation. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.

THOMPSON, L. L. A sociological analysis of tribulation in the Apocalypse of John. **Semeia**, n. 36, p. 147-174, 1986.

YARBRO COLLINS, A. **Crisis and catharsis**. Philadelphia: The Westminster Press, 1984.

Recebido: 02/08/2012

*Received*: 08/02/2012

Aprovado: 19/09/2012

*Approved*: 09/19/2012